

O Editor Presta Contas (parte 1): Um Retrospecto do Desempenho Quantitativo dos “Arquivos” em 50 Anos

editorial

A EDIÇÃO ESPECIAL DO CINQUENTENÁRIO dos “Arquivos”, publicada em Novembro de 2001, trouxe, entre inúmeros excelentes relatos e artigos de cunho histórico, meu editorial com um breve retrospecto do surgimento, desenvolvimento, interrupções e crescimento dos ABE&M. Aproveito o momento para estender a todos os participantes envolvidos na produção daquele número os cumprimentos que continuo recebendo até hoje pela iniciativa.

Naquele editorial, interrompi deliberadamente o relato em 1994, no momento em que a direção da revista passava às minhas mãos. Por um lado, porque a exposição já estava bastante longa e, por outro, porque pretendia fazer, ainda não sabia quando, uma análise retrospectiva mais detalhada do desempenho dos Arquivos ao longo dos seus 50 anos. É, portanto, chegada a oportunidade de mostrar com dados e fatos, como e o quanto crescemos e amadurecemos.

Para chegar nos números que vou apresentar, precisei fazer uma verdadeira imersão nos exemplares que tinha disponíveis, essencialmente aqueles de 1978 em diante, quando a revista renasceu nas mãos de Armando de Aguiar Pupo e quando, efetivamente, comecei a me interessar mais academicamente pela especialidade. A pesquisa foi complementada pela garimpagem minuciosa do CD dos ABE&M produzido pelo Póvoa, em 2000.

Uma breve interrupção para preparar o cenário. Algumas atividades são muito extenuantes, mas extremamente prazerosas; mesmo quando não se pode dispensar outras obrigações da rotina de trabalho, e apenas se dispõe de algum tempo e sossego nas madrugadas adentro e nos finais de semana. Para tanto, há que se contar com uma esposa compreensiva e atenciosa (trazia-me sempre frutas e muito café) e um estoque de CDs (aqueles que nunca nos cansamos de ouvir e aqueles que ainda nem foram abertos). Meu gosto musical é eclético. Aprecio tanto clássicos como rock, bossa nova, tango, jazz e lounge music; cada momento pede um ritmo e um volume. A companhia para ouvir - tanto quanto para beber - para mim é essencial, mas sobrevivo bem sem ela.

Gastei (ganhei, quero dizer!) várias semanas para coletar, analisar, resumir e, finalmente, produzir o que vou apresentar. Creio, também, que a apresentação destes dados possa servir como uma satisfação aos colegas e uma prestação de contas à Diretoria Nacional e ao Conselho Deliberativo da SBEM neste último dos meus oito anos de gestão como Editor-chefe dos “Arquivos”, comprovando o quanto uma comunidade interessada e centrada num mesmo objetivo pode levantar ainda mais sua revista e orgulhar-se dela.

Esta é, portanto, a parte 1 de 3 relatos que passo a fazer neste início de 2002.

AO RELATO, FINALMENTE ...

Dizia, no final daquele editorial do ano passado, que ... “Em novembro de 1994, durante o Congresso Nacional em Curitiba, Rui Maciel indica meu

Claudio E. Kater

*Disciplina de Endocrinologia,
Departamento de Medicina,
UNIFESP/EPM
Editor-chefe, ABE&M*

nome para sucedê-lo na coordenadoria editorial, mencionando a necessidade de consolidação do processo. O Conselho Deliberativo entende e acata a sugestão, honrando-me com a responsabilidade de complementar o projeto de aprimoramento da revista”.

Assim, passo a ser Editor-Chefe pelo período de 1995 a 98. Assessorado por competentes editores associados (Ayrton Moreira, José Gilberto Vieira e Mário Saad) e co-editores (Antonio Bianco, Bernardo Liberman, Jorge Gross, José Marcondes, Leila Araújo, Luiz de Lacerda Filho, Ricardo Meirelles e Rui Maciel), e auxiliado por um Conselho Editorial de primeira linha, pudemos publicar, até o final daquele ano, os volumes 39 a 42. Em 1998 iniciamos uma nova concepção editorial, com ampla reformulação gráfica e a temerosa mas, felizmente bem sucedida, iniciativa de tornar a publicação bimestral. Alguns dados representativos deste período serão mostrados mais adiante.

No final de 1998, último ano daquela gestão, tomei a decisão de encabeçar e encaminhar o processo de renovação da chefia editorial da revista para o quadriênio seguinte. Consultando os associados (através de enquete na revista) e todo o Conselho Científico e Editorial dos ABE&M (por carta e reunião específica durante o Congresso Brasileiro, realizado em São Paulo em Outubro de 1998), senti-me mais uma vez prestigiado pelos colegas e, lisonjeado, continuei na condução dos Arquivos por um novo período, de 1999 a 2002.

Desta vez renovamos e implementamos a Comissão Editorial, individualizando-a em grupos nacional e internacional, com um número significativo de representantes. Mais uma vez acrescentamos mudanças editoriais, orientados por bibliotecárias e especialistas no assunto, e modificamos o layout da revista, para torná-la mais leve e profissional. Preparamos cuidadosamente, e com sucesso, nosso ingresso no programa SciELO, com texto completos disponíveis online para todo o mundo. Além de aumentar o número de artigos por fascículo, criamos as Edições Especiais - temáticas -, coordenadas por um editor-convidado e conseguimos produzir algumas edições notáveis, como a dos “50 anos da SBEM”, a dos “50 anos dos ABE&M”, a do “Cadastro de Sócios e Regulamentos da Sociedade” (por duas vezes), e outras edições especiais contendo consensos de interesse para o endocrinologista. Os dados sintéticos deste e dos demais períodos estão mostrados adiante.

A produção global dos “Arquivos” vêm se avolumando sensivelmente ao longo dos anos, e de maneira bastante marcante nos últimos 10-12 anos.

Basta acompanhar os números mostrados no quadro 1, no qual tanto a quantidade de fascículos, como o número de artigos e o de páginas apresentaram aumentos em proporção quase geométrica. Os suplementos, iniciados na gestão de Maciel, vingaram e tornam-se agora um complemento de rotina do material entregue nos congressos e simpósios promovidos pelas sociedades ligadas à FEBRASEM. O benefício de poder citar - como referência bibliográfica - resumos e *abstracts* publicados nos ABE&M de forma mais profissional é inquestionável. Assim, aquilo que começou como uma sugestão às comissões organizadoras e científicas de congressos, parece ter sido bem aceita e incorporada senão por todas, pela maioria das Diretorias das Sociedades Afiliadas da FEBRASEM e pelos Departamentos de Especialidade da SBEM. A tendência atual, inclusive, é a de ampliá-la para eventos regionais e outros mais específicos.

O VOLUME DE MATERIAL PUBLICADO NOS ABE&M E A PRODUTIVIDADE DA PESQUISA POR ENDOCRINOLOGISTAS

Neste, e nos dois outros retrospectos a serem apresentados, a comparação entre os dados de produtividade e quantidade, qualidade e custo do material publicado em cada um dos vários períodos de direção editorial, é meramente ilustrativa. Representa as características momentâneas da filosofia editorial e diretiva da revista e da própria SBEM, as diretrizes culturais em ciência e educação das instituições de ensino médico e de fomento à pesquisa e dos direcionamentos políticos de cada período de governo. Resulta, também, da interação com aspectos mercadológicos e econômico-financeiros que permeiam a indústria e o próprio governo, do maior ou menor interesse dos cientistas e pesquisadores e das eventuais cobranças dos membros da comunidade científica. Não deve, jamais, servir para a análise de comparações pessoais entre quem quer que seja. Nunca é demais repetir que os números da nossa realidade atual são reflexo do interesse e colaboração de inúmeras pessoas e entidades, da disponibilidade pessoal de uma significativa parcela de abnegados, da maior facilidade de recursos propiciados pela SBEM e instituições de apoio e fomento à pesquisa ou captados da indústria farmacêutica. Este conjunto mostra-se cada vez mais integrado e participativo neste projeto de evidente interesse mútuo.

FASCÍCULOS E SUPLEMENTOS PUBLICADOS POR ANO EM CADA PERÍODO

Na figura 1 (e quadro 1), verifica-se que à medida que

Quadro 1. Dados de identificação e resumo itemizado do material publicado nos ABE&M, durante cada um dos 11 períodos editoriais da revista (desde o primeiro número, em agosto 1951, até dezembro de 2001).

Editor	Período	Intervalo (anos)	Volumes	Periodicidade	Total no Período de:			Artigos no Período (por Setor)					
					Fascículos	Suplementos	Páginas [supl]&	Artigos (sem Editor)	Editoriais	Revisões	Originais	Casos	
1	Berardinelli & Martins	1951 - 1955	1 a 5	Semestral	9*		663	40 [39]	1	5	26	8	
1956													
Circulação Interrompida													
2	Fraga Fo.	1957 - 1960	6 a 9	Quadrimestral	12		983	61 [57]	4	17	27	13	
3	Fraga Fo.	1961 - 1964	10 a 13	Quadrimestral	12		972	63 [60]	3	12	37	11	
4	Fraga Fo. & Lobo\$ & Solberg\$	1965 - 1968 [1964 - 66] [1967 - 68]	14 a 17	Quadrimestral	12		793	68 [64]	4	7	42	15	
5	Fraga Fo. & Cordelro\$	1969 - 1972 [1969 - 72]	18 a 21	(Quadrimestral)	6		539	25 [24]	1	12	10	2	
1973 - 1978													
Circulação Interrompida													
6	Pupo	1978@ - 1982	22# a 26	Trimestral	16		682	122 [114]	8	17	78	19	
7	Chacra	1983 - 1986	27 a 30	Trimestral	16[14]**	[2]*	408 [120]	88	0	11	57	20	
8	Chacra	1987 - 1990	31 a 34	Trimestral	16		353	83	0	10	70	13	
9	Maciel	1991 - 1994	35 a 38	Trimestral	16	6	697 [787]	14 [127]	17	26	67	34	
10	Kater	1995-1998	39 a 42	Trimestral\$	17**	8	1174 [1028]	211 [176]	35	33	112	31	
11	Kater	1999 - 2001	43 a 45	Bimestral	18	12	1599 [1827]	231 [190]	41	53	114	23	
11	Kater	1999 - 2002 (estimativa)	43 a 46 (+12%)	Bimestral	24	16	2200 [2456]	310 [254]	54	60	152	35	
Total					1951-2001	44	1 a 45	2628	8.863 [3.762]	114	203	640	189
Total (estimativa)					1951-2002 (estimativa)	45	1 a 46	3032	9.464 [4.371]	127	210	678	201

\$ Assessoram o Editor/Diretor como Chefes de Redação

@ Revista volta a circular em Outubro 78: apenas 1 fascículo correspondente ao Vol. 22

Os fascículos 2 e 3 do Vol. 26 saem juntos, totalizando 15 fascículos no período

\$ A partir do Vol. 42 (1998) a periodicidade passa a ser bimestral

** Os fascículos 1 e 2 do Vol. 4 saem juntos, totalizando 9 fascículos no período

*** Os fascículos 3 e 4 do Vol. 39 saem juntos, totalizando 17 fascículos no período

& Total de páginas dos Suplementos

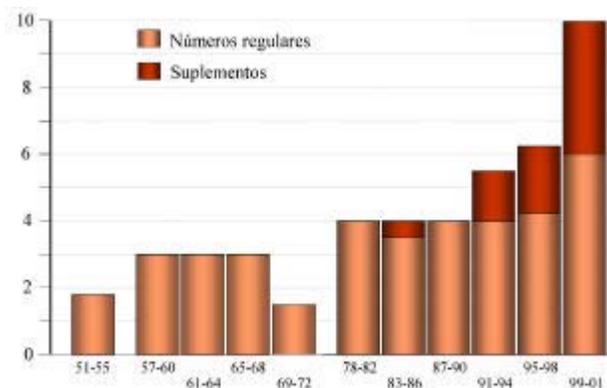


Figura 1. Média de fascículos (números regulares e suplementos) dos ABE&M publicados por ano em cada um dos onze períodos editoriais da revista.

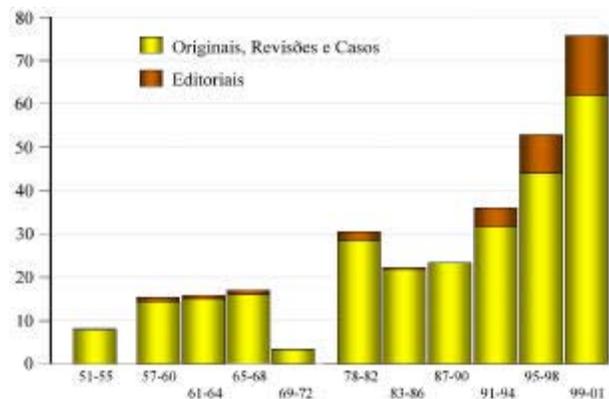


Figura 2. Média de artigos (originais + revisões + casos e editoriais) publicados nos ABE&M por ano em cada um dos onze períodos editoriais da revista.

a produtividade da sociedade aumenta é possível, em média a cada 10 anos, elevar a periodicidade normal da revista, inicialmente de dois fascículos por ano, para três, quatro e, atualmente, seis por ano. Mantidos os volumes atuais de submissão e de material publicado, além das vantagens da manutenção de uma revista única para toda a comunidade de endocrinologistas, não me parece longe (estimo em mais 3 anos) a possibilidade de podermos propor a publicação de nove edições anuais, um incremento de 50% sobre as seis atuais. Das nove futuras, seis poderiam ser edições normais bimensais, com material submetido espontaneamente e três (intercaladas a cada dois números normais), edições especiais coordenadas por editores convidados captando ativamente material de especialistas do país e até do exterior. Neste ritmo, e assumindo maior confiança e interesse dos jovens pesquisadores - que têm colaborado cada vez mais para a melhoria da qualidade da revista -, antevejo que em menos de 10 anos possamos ter uma revista mensal. Pode parecer confiança demasiada, mas estou disposto a uma aposta.

Pode-se também observar na figura 1, que nos últimos 10-12 anos houve um aumento significativo da quantidade de suplementos publicados por ano. Praticamente iniciado na gestão de Maciel, com seis suplementos em 4 anos (1,5 por ano), estamos atualmente na faixa média de quatro por ano (seis suplementos foram publicados apenas em 2001!).

ARTIGOS PUBLICADOS POR ANO E POR FASCÍCULO EM CADA PERÍODO

Mesmo tendo aumentado o número de fascículos por ano, pode-se observar nas figuras 2 e 3 (e quadro 1), que houve também um incremento tanto na quantidade

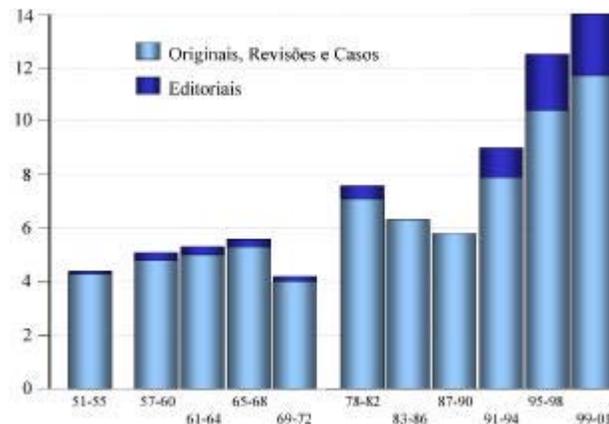


Figura 3. Média de artigos (originais + revisões + casos e editoriais) publicados por fascículo dos ABE&M em cada um dos onze períodos editoriais da revista.

de artigos publicados por ano como na média publicada por fascículo (incluindo editoriais). Enquanto este índice oscilou pouco nos primeiros 40 anos (total de ~20 artigos por ano e média de 4 a 6 artigos por fascículo), nos últimos 10-12 anos este número subiu progressivamente para atingir quase 80 artigos por ano e 14 por fascículo. Comprova-se, portanto, que a quantidade de artigos científicos publicados por fascículo, por ano e por período (quadro 1, figuras 2 e 3) tem-se elevado consistentemente. Também nestes últimos anos, a quantidade de editoriais aumentou, sendo em média de dois por fascículo atualmente (12 por ano no último período). Este material é tanto encomendado pelo Editor como inclui, desde o início da minha gestão, a própria palavra do editor (seja isto bom ou não!). Embora alvissareiros, estes números não são proporcionais e nem refletem o crescimento de nossa sociedade cien-

tífica e da produtividade dos centros de pesquisa qualificados em todo o país. Dados do CNPq e da FAPESP mostram, em apoio a esta idéia, que a participação da ciência brasileira nas publicações internacionais tem aumentado substancialmente. Assim, a parcela desta produtividade direcionada para a revista tem sido apenas uma questão de opção pessoal, mais do que deficiência na produtividade.

PÁGINAS PUBLICADAS POR ANO E POR FASCÍCULO EM CADA PERÍODO

Pode-se observar nas figuras 4 e 5 (e quadro 1) que também o número de páginas publicadas por fascículo e por ano aumentou significativamente nos últimos períodos. Enquanto nos primeiros 40 anos este número oscilou entre 100 e 250 páginas por ano, nos

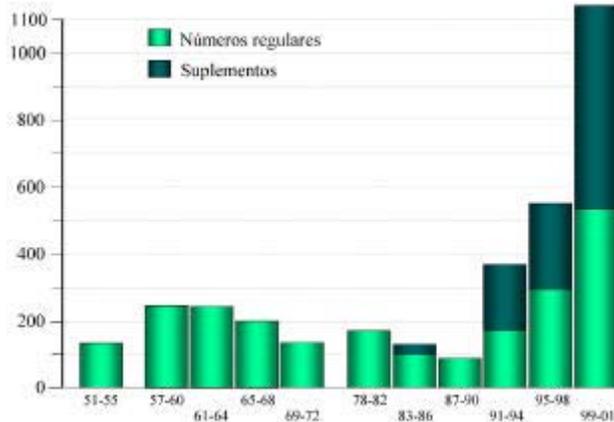


Figura 4. Média de páginas (em números regulares e suplementos dos ABE&M) publicadas por ano em cada um dos onze períodos editoriais da revista.

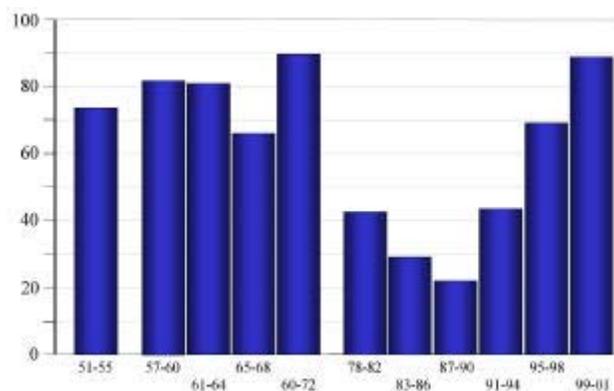


Figura 5. Média de páginas publicadas por fascículo dos ABE&M em cada um dos onze períodos editoriais da revista.

últimos 8 anos subiu de 300 para mais de 500. Isto sem contar, evidentemente, as páginas publicadas nos suplementos que, iniciados há apenas 10 anos, passaram de 200 para mais de 600 por ano no último período. Se somadas, temos no último período um número de páginas publicadas por ano que é seis vezes maior o que a média dos primeiros 40 anos. Curiosamente (figura 5), a quantidade média de páginas publicadas por fascículo era alta durante os primeiros 20 anos da revista. No seu reinício, de 1978 a 82, começou com apenas 40 páginas por fascículo e caiu nos dois quadriênios seguintes para pouco mais de 20. Nos últimos 10-12 anos voltou a subir, estando atualmente na faixa de 90 páginas por fascículo. Explicam-se estes números por pelo menos duas razões. No início o formato da revista era menor, tornando necessárias mais páginas para compor determinado texto. Além disso, os artigos de outrora formavam textos longos que primavam pela descrição detalhada do tema abordado (casuísticas e casos clínicos originalmente ilustrados e comentados). Pode também ter influenciado, a diagramação e formatação do texto e o tamanho das fontes empregadas. Como há 40-50 anos não parecia haver necessidade ou preocupação com o “enxugamento” do texto ou com a síntese do pensamento, consumia-se grande número de páginas por artigo (20, em média), em contraste com o que se verifica atualmente (seis a oito por artigo) (figura 6).

ARTIGOS DE ACORDO COM A SEÇÃO OU CATEGORIA

No quadro 1 e na figura 7, pode-se observar que algumas das seções mantiveram alguma proporcionalidade ao longo dos anos, enquanto outras - por razões diver-

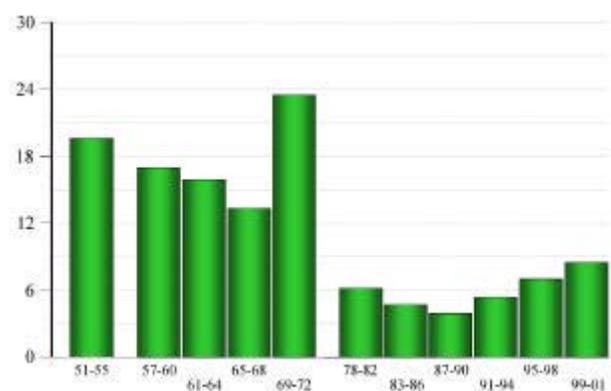


Figura 6. Média de páginas publicadas por artigo (em números regulares dos ABE&M) em cada um dos onze períodos editoriais da revista.

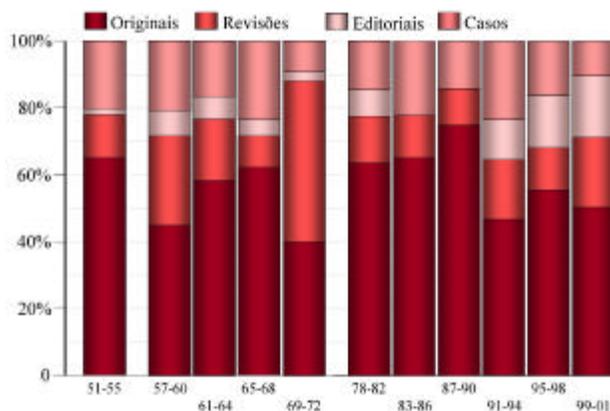


Figura 7. Média de fascículos (números regulares e suplementos) publicados por ano em cada um dos períodos editoriais dos ABE&M.

sas -, foram relativamente reduzidas ou aumentadas. Idealmente, o “creme” de uma publicação científica de qualidade – e, portanto, a sua maior parcela -, deve ficar por conta dos artigos originais. Para efeito estatístico, simplesmente optamos por separar em categorias individualizadas os editoriais, os relatos ou apresentação de casos e os artigos de revisão e atualização. Os demais foram alocados para a seção de artigos originais. Não cabe aqui discutir o que vem a ser realmente um artigo original (tema que poderia ser inclusive abordado num outro editorial), mas, com frequência, não é fácil nem claro determinar o grau de originalidade de trabalhos publicados, ditos originais. A distribuição percentual deste material nas várias categorias da revista é determinada tanto pela política editorial em vigor como pela casualidade da submissão dos artigos. Na figura 7, observa-se ampla variabilidade desta distribuição ao longo do tempo. Nos últimos 10-12 anos, entretanto, procurou-se estabelecer uma distribuição mais harmoniosa e adequada para os padrões atuais. Assim, os artigos originais deverão corresponder, se possível, a no mínimo 50% do total de artigos, enquanto as revisões, contribuirão com algo entre 15 a 20%, dado o interesse de nossa comunidade por este tipo de material, especialmente quando bem selecionado entre autores experientes. De importância científica menor, mas não desprezível, deverão ficar os relatos de casos, na faixa de 10 a 15%. Da mesma forma, desde

que pertinentes e bem objetivos, os editoriais poderão permanecer na mesma faixa, de 10 a 15% do material. Esta é, na nossa concepção editorial, a composição que deve ser priorizada na tentativa de satisfazer as exigências e necessidades tanto dos autores como dos leitores.

PS. Mais importante do que toda a estatística mostrada acima, mas ironicamente deixado para um *post scriptum*, é meu agradecimento para José Gilberto Vieira, *aka* JG, o competentíssimo editor-convidado desta Edição Especial, extensivo a todos os seus excelentes e prestativos colaboradores. JG é o próprio homem do laboratório da endocrinologia brasileira. Interessado desde há mais de 25 anos nos princípios analíticos dos hormônios, é ao mesmo tempo um clínico de mão cheia, um administrador irretocável, um orientador inovador e, mais que tudo, uma mente brilhante. Sempre disponível, duvido que haja alguém neste Brasil atual que não tenha se beneficiado direta ou indiretamente de seus conhecimentos na área. Um *sticker* afixado no quadro sobre sua escrivaninha diz muito: “*Parachutes and brains only work when they're open*”. Nem tudo, entretanto, é perfeição: JG é corinthiano! Mesmo assim, ser seu amigo pessoal desde as aulas de anatomia, para mim - são-paulino -, sempre foi um privilégio.

Aproveito também para fazer dois comunicados: (1) a partir desta primeira edição de 2002, fizemos uma pequena atualização nas “Instruções para Autores” (no final da revista) por recomendação de equipe especializada da LILACS - BIREME, SP, e que deve passar a vigorar a partir de agora. Por favor leiam com atenção e sigam corretamente.

(2) Por diversas e justificáveis razões, os Prêmios ABE&M: Professor Waldemar Berardinelli (para o melhor trabalho publicado na área de endocrinologia clínica) e Professor Thales Martins (para o melhor trabalho publicado na área de endocrinologia básica), referentes ao ano de 2001, somente serão divulgados na edição de junho de 2002 dos ABE&M. A entrega dos prêmios (certificado e um montante em espécie) deverá ser feita em solenidade oficial durante o 25º Congresso Brasileiro de Endocrinologia e Metabologia a ser realizado em Brasília, DF, entre os dias 21 e 24 de setembro próximo.